

## DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A JUVENTUDE DO CAMPO FRENTE À VIOLÊNCIA EM UMA ESCOLA DA AMAZÔNIA PARAENSE

CHALLENGES AND PERSPECTIVES FOR RURAL YOUTH FACING VIOLENCE IN A  
SCHOOL IN THE AMAZON REGION OF PARÁ

DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS PARA JÓVENES RURALES QUE ENFRENTAN LA  
VIOLENCIA EN UNA ESCUELA DE LA REGIÓN AMAZÓNICA DE PARÁ

Ruth Helena de Castro Barbosa Mendes<sup>1</sup>  
Jairo da Silva e Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente estudo analisa as múltiplas manifestações da violência no ambiente escolar a partir das vozes de estudantes de uma escola do campo localizada no município de Igarapé-Miri, no estado do Pará. A pesquisa inscreve-se numa abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, envolvendo nove estudantes do último ano do Ensino Fundamental. Os dados empíricos foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas, observação direta no espaço escolar e registros sistemáticos em diário de campo. O objetivo principal consiste em investigar as formas pelas quais os jovens do campo vivenciam, percebem e significam a violência no contexto da Educação do Campo, analisando seus fatores de origem, implicações no processo educativo e possibilidades de enfrentamento no âmbito escolar. Os resultados evidenciam que a violência se manifesta tanto em sua dimensão estrutural (expressa pela precariedade física da escola, ausência de transporte escolar regular, insuficiência de alimentação escolar e exclusão territorial) quanto em sua dimensão simbólica e relacional, marcada por práticas de bullying, assédio, punições desiguais e discursos de silenciamento. Observa-se que a escola, embora atraves-sada por dispositivos de controle e disciplinamento, constitui-se também como espaço de resistência, afeto e produção de subjetividades juvenis, onde os estudantes constroem estratégias de enfrentamento e ressignificação de suas experiências. Conclui-se que compreender a violência na escola do campo amazônica exige ultrapassar a leitura do ato isolado, reconhecendo-a como efeito de redes históricas de poder, desigualdade e exclusão que atravessam o território e a vida dos sujeitos.

1

**Palavras-chave:** Amazônia Paraense. Educação do Campo. Juventude. Violência Escolar.

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação pela Universidade Federal do Pará (PPGCITE/UFPA). Professora da rede, pública de educação do município de Igarapé-Miri/PA.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professor no Programa de Pós-Graduação, em Cidades, Territórios, Identidades e Educação pela Universidade Federal do Pará (PPGCITE/UFPA) e no Instituto Federal do Pará (IFPA).

**ABSTRACT:** This study analyzes the multiple manifestations of violence in the school environment from the perspective of students from a rural school located in the municipality of Igarapé-Miri, in the state of Pará. The research employs a qualitative, descriptive, and exploratory approach, involving nine students in their final year of elementary school. Empirical data were collected through semi-structured interviews, direct observation in the school environment, and systematic field diary entries. The main objective is to investigate how young people from rural areas experience, perceive, and give meaning to violence in the context of rural education, analyzing its origins, implications for the educational process, and possibilities for coping within the school environment. The results show that violence manifests itself both in its structural dimension (expressed by the physical precariousness of the school, lack of regular school transportation, insufficient school meals, and territorial exclusion) and in its symbolic and relational dimension, marked by practices of bullying, harassment, unequal punishments, and silencing discourses. It is observed that the school, although permeated by control and disciplinary mechanisms, also constitutes a space of resistance, affection, and the production of youthful subjectivities, where students construct strategies for coping with and reinterpreting their experiences. It is concluded that understanding violence in rural Amazonian schools requires going beyond the isolated reading of the act, recognizing it as an effect of historical networks of power, inequality, and exclusion that permeate the territory and the lives of the individuals.

**Keywords:** Amazon region of Pará. Rural education. Youth. School violence.

2

**RESUMEN:** Este estudio analiza las múltiples manifestaciones de la violencia en el ámbito escolar desde la perspectiva de estudiantes de una escuela rural ubicada en el municipio de Igarapé-Miri, en el estado de Pará. La investigación emplea un enfoque cualitativo, descriptivo y exploratorio, involucrando a nueve estudiantes del último año de la escuela primaria. Los datos empíricos se recopilaron mediante entrevistas semiestructuradas, observación directa en el entorno escolar y anotaciones sistemáticas en diarios de campo. El objetivo principal es investigar cómo los jóvenes de zonas rurales experimentan, perciben y dan sentido a la violencia en el contexto de la educación rural, analizando sus orígenes, implicaciones para el proceso educativo y posibilidades de afrontamiento en el entorno escolar. Los resultados muestran que la violencia se manifiesta tanto en su dimensión estructural (expresada por la precariedad física de la escuela, la falta de transporte escolar regular, la alimentación escolar insuficiente y la exclusión territorial) como en su dimensión simbólica y relacional, marcada por prácticas de acoso, hostigamiento, castigos desiguales y discursos silenciadores. Se observa que la escuela, si bien permeada por mecanismos de control y disciplina, también constituye un espacio de resistencia, afecto y producción de subjetividades juveniles, donde los estudiantes construyen estrategias para afrontar y reinterpretar sus experiencias. Se concluye que comprender la violencia en las escuelas rurales amazónicas requiere ir más allá de la lectura aislada del acto, reconociéndola como un efecto de las redes históricas de poder, desigualdad y exclusión que permean el territorio y la vida de las personas.

**Palabras clave:** Amazonía de Pará. Educación rural. Juventud. Violencia escolar.

## I. INTRODUÇÃO

A violência no ambiente escolar constitui um fenômeno complexo e multifacetado, que atravessa as relações pedagógicas, institucionais e subjetivas, assumindo contornos específicos quando analisada no contexto das escolas do campo. Em territórios rurais amazônicos, marcados por desigualdades históricas, precariedade estrutural e invisibilização das juventudes, a violência não se expressa apenas por meio de atos físicos ou conflitos diretos, mas também por práticas simbólicas, institucionais e discursivas que afetam profundamente o cotidiano escolar e os processos formativos dos estudantes.

A juventude do campo vive, cotidianamente, a tensão entre a permanência no território e as limitações impostas pela ausência de políticas públicas eficazes, pelo acesso precário a serviços básicos e pela fragilidade das condições educacionais. Nesse cenário, a escola emerge como um espaço ambíguo: ao mesmo tempo em que pode reproduzir relações de poder, disciplinamento e exclusão, também se constitui como lugar de acolhimento, socialização, produção de sentidos e construção de projetos de vida. Compreender como a violência se manifesta e é significada nesse espaço torna-se, portanto, um desafio teórico e político de grande relevância para os estudos sobre Educação do Campo e juventudes rurais.

Dante desse contexto, o presente artigo investiga a realidade de uma escola do campo localizada no município de Igarapé-Miri<sup>3</sup>, no estado do Pará, especificamente no distrito do Alto-Meruú, tomando como foco as narrativas de estudantes do último ano do Ensino Fundamental. A pesquisa busca compreender como esses jovens vivenciam, percebem e narram as diferentes formas de violência presentes no cotidiano escolar, analisando seus fatores de origem, suas implicações para o processo educativo e as possibilidades de enfrentamento construídas no interior da escola.

O problema que orienta o estudo pode ser sintetizado na seguinte questão: como a violência é experienciada, percebida e significada por jovens estudantes de uma escola do campo amazônica, e de que maneira essas experiências atravessam seus processos de subjetivação e aprendizagem? A partir dessa indagação, o objetivo geral se propõe a investigar as formas pelas

<sup>3,3</sup> Igarapé-Miri é um município localizado no nordeste do estado do Pará, na região Norte do Brasil. Situa-se a cerca de 143 km da capital, Belém, com tempo médio de viagem de aproximadamente 2 h 04 min por via rodoviária. Possui área territorial de 1.996,798 km<sup>2</sup> e população de 64.831 habitantes, conforme o Censo 2022. A densidade demográfica é de 32,47 hab/km<sup>2</sup>. No ranking populacional, o município ocupa a 27<sup>a</sup> posição no estado do Pará, a 47<sup>a</sup> na região Norte e a 503<sup>a</sup> no Brasil (IBGE, 2026).

quais os estudantes vivenciam e significam a violência no contexto da Educação do Campo, compreendendo a escola como território de disputas, controle e resistência.

Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa, articulando entrevistas semiestruturadas, observação direta e registros em diário de campo. Do ponto de vista teórico, dialoga com os estudos sobre juventude, violência escolar e Educação do Campo, ancorando-se, sobretudo, nas contribuições de Michel Foucault para a análise das relações de poder e dos processos de subjetivação no espaço escolar.

## 2. METODOLOGIA

A presente pesquisa inscreve-se no campo dos estudos qualitativos, de natureza descritivo-exploratória (Minayo; Costa, 2018), por compreender que a análise da violência no contexto escolar exige uma aproximação sensível às experiências, percepções e discursos dos sujeitos envolvidos. A abordagem qualitativa mostrou-se adequada por permitir apreender os sentidos atribuídos pelos estudantes às situações vivenciadas, bem como os silenciamentos, contradições e estratégias de resistência presentes em suas narrativas.

O estudo foi realizado em uma escola pública do campo localizada no distrito do Alto-Meruú, município de Igarapé-Miri/PA, região caracterizada por comunidades ribeirinhas e rurais que dependem majoritariamente da agricultura familiar, da pesca e do extrativismo. Trata-se de um território marcado por dificuldades de acesso, precariedade de infraestrutura e fragilidade das políticas públicas, elementos que atravessam diretamente o funcionamento da escola e a vida dos estudantes.

Os participantes da pesquisa foram nove estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental (anos finais), todos com idade igual ou superior a 18 anos. A escolha dos sujeitos ocorreu por meio de amostragem intencional, considerando a disponibilidade para participar da pesquisa e a diversidade de trajetórias escolares e experiências de vida. A opção por estudantes concluintes do Ensino Fundamental justifica-se pelo fato de estarem em uma etapa decisiva da escolarização, momento em que se intensificam as expectativas em relação ao futuro e as tensões entre permanência e evasão escolar.

A produção dos dados empíricos ocorreu a partir de três instrumentos principais: entrevistas semiestruturadas, observação direta e diário de campo. As entrevistas permitiram acessar as percepções dos estudantes sobre juventude, violência, escola, relações interpessoais e perspectivas de futuro. A observação direta possibilitou acompanhar o cotidiano escolar, as

interações entre alunos, professores e gestores, bem como os usos dos espaços escolares. O diário de campo, por sua vez, constituiu-se como ferramenta fundamental para o registro das impressões da pesquisadora, dos contextos observados e das situações que não emergiram diretamente nas entrevistas.

Para a análise dos dados, adotou-se uma perspectiva inspirada na análise discursiva foucaultiana (Foucault, 1987; 2013), compreendendo o discurso como prática social produtora de saberes, verdades e subjetividades. Não se buscou interpretar as falas dos estudantes como expressões individuais isoladas, mas como enunciados atravessados por relações de poder, normas institucionais e condições históricas específicas. Nesse sentido, a análise concentrou-se na identificação de regularidades discursivas, silenciamentos, deslocamentos e estratégias de resistência presentes nos relatos.

Todos os procedimentos éticos foram rigorosamente observados, garantindo-se o anonimato dos participantes por meio do uso de pseudônimos e assegurando o consentimento livre e esclarecido. A pesquisa foi conduzida de modo a respeitar os princípios éticos da investigação com seres humanos, valorizando a escuta atenta e o reconhecimento dos estudantes como sujeitos de saber.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5

A análise da violência no contexto da Educação do Campo exige um diálogo interdisciplinar que articule os estudos sobre juventude, território, poder e processos educativos. A juventude do campo não pode ser compreendida como uma categoria homogênea, mas como um conjunto diverso de sujeitos cujas experiências são atravessadas por desigualdades sociais, econômicas e territoriais historicamente construídas. Nesse sentido, autores como Caldart (2000; 2002; 2008; 2009; 2012) destacam que a Educação do Campo emerge como um projeto político-pedagógico comprometido com a valorização dos sujeitos do campo, reconhecendo suas identidades, saberes e modos de vida.

Para Caldart, a escola do campo deve ultrapassar a lógica da simples adaptação do modelo urbano, assumindo-se como espaço de formação crítica e emancipatória. No entanto, como apontam Hage (2005; 2021), Lobato (2016; 2019) e Pinheiro (2021) as escolas do campo ainda enfrentam inúmeros desafios, como precariedade de infraestrutura, rotatividade de professores, ausência de transporte escolar e invisibilidade das juventudes rurais nas políticas educacionais. Tais condições configuram formas de violência estrutural que impactam

diretamente o processo educativo.

No que se refere à violência escolar, Abramovay (2003) e Gomes (2021) alertam para a necessidade de ampliar o conceito de violência, incluindo dimensões simbólicas, institucionais e relacionais. A violência não se restringe aos atos físicos, mas manifesta-se também por meio do bullying, da discriminação, do assédio moral, das punições desiguais e dos discursos de silenciamento que atravessam o cotidiano escolar.

É nesse ponto que as contribuições de Michel Foucault se tornam centrais para a análise. Para o autor, o poder não é algo que se possui, mas algo que circula nas relações sociais, produzindo saberes, normas e subjetividades (Foucault, 1987; 2013). A escola, enquanto instituição moderna, opera como um dispositivo disciplinar que regula os corpos, controla os tempos e organiza os espaços, produzindo sujeitos dóceis e úteis.

Entretanto, Foucault também nos ensina que onde há poder, há resistência. As relações de poder não são unidirecionais, mas atravessadas por fissuras, negociações e confrontamentos. Nesse sentido, a violência escolar pode ser compreendida tanto como efeito das práticas disciplinares quanto como forma de resistência às normas impostas. As narrativas dos estudantes revelam estratégias cotidianas de confrontamento, silenciamento e ressignificação que tensionam a ordem escolar.

Veiga-Neto (2005) contribui ao afirmar que a escola é um espaço privilegiado de produção de subjetividades, onde se articulam discursos pedagógicos, normas institucionais e expectativas sociais. No contexto da Educação do Campo, essas dinâmicas assumem contornos específicos, pois os estudantes vivenciam simultaneamente a exclusão territorial e a expectativa de mobilidade social por meio da escolarização.

Assim, compreender a violência na escola do campo amazônica implica reconhecer a complexa trama de relações de poder que atravessa o território, a instituição escolar e os sujeitos. Trata-se de um fenômeno que não pode ser reduzido ao comportamento individual dos estudantes, mas que deve ser analisado como efeito de processos históricos, sociais e políticos mais amplos.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise das entrevistas, das observações e dos registros em diário de campo evidencia que a violência no contexto da escola do campo investigada (no ano de 2025) manifesta-se de forma plural e interdependente, articulando dimensões estruturais, simbólicas e relacionais.

Um dos aspectos mais recorrentes nas narrativas dos estudantes refere-se às condições materiais da escola e do território, compreendidas como formas de violência estrutural que afetam diretamente o processo de escolarização.

A precariedade da infraestrutura física, a ausência ou irregularidade do transporte escolar, a distância entre as comunidades e a escola e a insuficiência da alimentação escolar são elementos constantemente mencionados pelos estudantes. Tais condições produzem cansaço, desmotivação e, em alguns casos, abandono temporário ou definitivo da escola. Essa realidade confirma as análises de Caldart (2008) e Hage, Silva e Freitas (2021), que apontam a negação histórica do direito à educação de qualidade para os sujeitos do campo.

Além da dimensão estrutural, emergem nas falas práticas de violência simbólica e relacional, como o bullying, as ofensas verbais, as exclusões entre pares e as punições desiguais aplicadas pela instituição. Embora muitos estudantes afirmem não ter sofrido violência direta, reconhecem a presença constante desses fenômenos no cotidiano escolar, o que revela um processo de naturalização da violência.

Sob a perspectiva foucaultiana, tais práticas podem ser compreendidas como efeitos das relações de poder que atravessam a escola. As normas disciplinares, os mecanismos de vigilância e as punições funcionam como dispositivos de controle que regulam os corpos e os comportamentos. No entanto, essas mesmas práticas produzem resistências, expressas na indisciplina, na evasão, no silêncio estratégico e nas formas de contestação cotidiana.

As narrativas também revelam que, apesar das dificuldades, a escola é percebida como espaço de proteção, socialização e possibilidade de futuro. Muitos estudantes associam a escola à esperança de “uma vida melhor”, à possibilidade de continuar os estudos e de romper com ciclos de exclusão vivenciados por suas famílias. Essa ambivalência evidencia a escola como território de disputas, onde coexistem controle e cuidado, disciplina e afeto.

Nesse sentido, a violência não aparece apenas como fator de ruptura, mas também como elemento que mobiliza reflexões, resistências e estratégias de enfrentamento. A escola, embora atravessada por práticas violentas, constitui-se como espaço de produção de sujeitos que negociam, ressignificam e reinventam suas trajetórias.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu compreender que a violência no contexto da escola do campo amazônica não pode ser reduzida a episódios isolados ou a comportamentos individuais

dos estudantes. Trata-se de um fenômeno complexo, profundamente enraizado nas condições históricas de desigualdade, exclusão territorial e precariedade das políticas públicas destinadas às populações do campo.

Ao analisar as narrativas dos jovens estudantes, evidenciou-se que a violência se manifesta de forma estrutural, simbólica e relacional, atravessando tanto as condições materiais da escola quanto as interações cotidianas entre os sujeitos. A precariedade da infraestrutura, a ausência de transporte escolar regular e as dificuldades de acesso configuram formas de violência que antecedem e ultrapassam o espaço escolar, impactando diretamente o processo educativo.

Sob a inspiração foucaultiana, comprehende-se que a escola opera como um dispositivo de poder que disciplina corpos, regula comportamentos e produz subjetividades. No entanto, as análises também revelam que os estudantes não são sujeitos passivos diante dessas relações. Ao contrário, constroem estratégias de resistência, negociação e ressignificação, afirmando a escola como espaço de afeto, pertencimento e possibilidade de futuro.

Dessa forma, compreender a violência na escola do campo exige um olhar atento às micropolíticas do cotidiano escolar, reconhecendo as tensões, os silenciamentos e as potências presentes nas relações educativas. O enfrentamento da violência não pode se limitar a medidas punitivas ou normativas, mas deve envolver práticas pedagógicas pautadas na escuta, no cuidado e no reconhecimento das juventudes do campo como sujeitos de direitos.

Por fim, o estudo aponta para a urgência de políticas públicas que fortaleçam a Educação do Campo, assegurando condições materiais dignas, formação docente contextualizada e espaços de participação efetiva dos estudantes. Somente assim será possível construir uma escola do campo mais justa, dialógica e comprometida com a promoção de uma cultura de paz e com a valorização das juventudes amazônicas.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. Escola e Violência. Observatório de Violências nas Escolas. Universidade Católica de Brasília: UNESCO. UBC 2003.
- ABRAMOVAY, M.; FIGUEIREDO, E.; SILVA, A. P.; Relações Intergeracionais: poder, disciplina e prática pedagógica In: MONTECHIARE; R.; MEDINA, G. (orgs.). Juventude e Identidade: identidades e direito Juventude e educação: identidades e diretos. São Paulo: FLACSO, 2019.

CALDART, R. S. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis. Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

CALDART, R. S. *Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção*. In: *Educação do Campo: identidade e políticas públicas*. KOLLING, E. J. et al. (orgs). Coleção Por uma Educação do Campo, n. 4. Brasília: Art. Nacional Por Uma Educação do Campo. 2002, 25-36p.

CALDART, R. S. *Sobre Educação do Campo*. In: SANTOS, C. A. S. *Educação do Campo: Campo - Políticas Públicas - Educação*. Brasília: Incra; MDA, 2008, (NEAD Especial;10). p. 67-86.

CALDART, R. S. *Educação do campo: notas para uma análise de percurso*. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun. 2009.

CALDART, R. S. et al. *Educação do campo. Dicionário da educação do campo*, v. 2, 2012. p. 257-265.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado*. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013.

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

GOMES, H. M. *Mediação de conflitos: tecendo trilhas teóricas entre conflito e violência escolar*. Dissertação (Mestrado em Cidades, Territórios, Identidades e Educação) – Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação, Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, Pará, 2021. 9

HAGE, S. M. *Educação na Amazônia: identificando singularidades e suas implicações para a construção de propostas e políticas educativas e curriculares*. In: HAGE, S. M. (org.). *Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multiserialadas no Pará*. Belém: Gutemberg, 2005. p. 61-68. disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/server/api/core/bitstreams/2f78269b-ee9d-478f-8c4efddd52c6802d/content>. Acesso em: 10 jan. 2026.

HAGE, S. M.; SILVA, H. S. A.; FREITAS, M. N. M. *Escola pública do campo no contexto das políticas educacionais: desafios às práticas formativas do Programa Escola da Terra no Brasil e na Amazônia paraense*. Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 30, n. 61, p. 299-314, jan. 2021. Disponível em <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2020.v30.n61.p299-314>. Acesso em: 10 jan. 2026.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Igarapé-Miri. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/igarape-miri/panorama>. Acesso em: 10 jan. 2026.

LOBATO, V. S. *Representações de docentes sobre violência nas escolas: um estudo em uma escola ribeirinha*. Revista Margens, v. 10, p. 112-128, 2016.



LOBATO, V. S.; ALMADA, D. G. Reflexões sobre violência nas escolas. *Revista Atlante. Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 1, 2019. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/atlante/index.html>. Acesso em: 10 jan. 2026.

MINAYO, M. C. S; COSTA, A. P. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle40.01>. Acesso em: 10 jan. 2026.

PINHEIRO, M. S. D. Os anos finais do ensino fundamental em territórios rurais da Amazônia paraense, um estudo sobre a organização do ensino e as práticas curriculares em movimento. Belém, 2021. Tese (Doutorado em Educação) Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2021. Disponível em: <https://ppgedufpa.com.br/arquivos/File/mariadoscorrotese.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2026.

VEIGA-NETO, A. Foucault e a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.